

A INTERSECCIONALIDADE COMO FERRAMENTA ANALÍTICA PARA O ACOMPANHAMENTO PSICOTERÁPICO NO ATENDIMENTOS DE MULHERES NEGRAS

Sirlene de França de Souza - UNESPAR
David dos Santos Gomes
Maria Inez Barboza Marques
Grupo de Pesquisa Gênero, Trabalho e Políticas Públicas/UNESPAR

Introdução

Este trabalho discute a importância da interseccionalidade na psicoterapia para mulheres negras, abordando os desafios e exclusões que enfrentam nos movimentos feministas ocidentais que desconsideram a variável racial. Ressalta-se a necessidade de um feminismo inclusivo e libertador para todas as mulheres, especialmente porque carregam maiores cargas sociais. A interseccionalidade é apresentada como uma ferramenta analítica essencial para entender as múltiplas opressões de gênero, raça e classe, e para promover intervenções psicoterapêuticas éticas. Ressalta-se a importância de superar a colonialidade na psicologia, valorizando diversas referências filosóficas para construir uma sociedade mais justa.

Materiais e métodos

A metodologia utilizada neste trabalho foi de pesquisa bibliográfica, com conteúdo acessado em artigos e livros relevantes ao tema, os quais abordaram questões de raça, classe, gênero e atuação do trabalho de psicólogas no Brasil.

Resultados e Discussão

Sabe-se que a interseccionalidade na psicoterapia é fator importante para análise social de história de vida. Em se tratando de mulheres negras, destaca-se os desafios e a exclusão enfrentados por essas mulheres dentro dos movimentos feministas ocidentais, os quais não consideraram, em seu cerne histórico, a variável “racialidade”. Assim, faz-se saber: Hooks (2022) questiona a visão do feminismo que ignora questões raciais e silencia mulheres negras, apontando a contradição em

buscar igualdade de gênero enquanto se perpetua um sistema patriarcal e de supremacia branca. Bento (2022) introduz o conceito do “pacto narcísico da branquitude”, que marginaliza aqueles fora do grupo dominante. O livro “Feminismo para os 99%” (2019) reforça que o feminismo deve ser inclusivo e libertador para todas as mulheres, especialmente aquelas que carregam as maiores cargas sociais (Arruza, Bhattacharya & Fraser, 2019).

Nessa perspectiva, o fortalecimento do feminismo negro assegura uma menor reprodução de invisibilidades e violências. Esse é um espaço que, segundo Carneiro (2011) “revela a insuficiência teórica e prática política para integrar as diferentes expressões do feminino construídas em sociedades multirraciais e multiculturais”. E sabemos que a psicologia brasileira está a serviço desta sociedade multirracial e multicultural, logo, parece até redundante afirmar que a interseccionalidade é importante para intervenções éticas.

A interseccionalidade surge pela necessidade de discutir a dupla opressão que as mulheres negras sofrem: gênero e raça, além da classe, não para afirmar que uma luta é superior a outra, mas para olhar para as desvantagens sociais que estas mulheres experienciam. E quando analisamos estas realidades cruzando com essas opressões vemos a importância desta discussão no *setting* terapêutico, que se atente para esse contexto, considerando a cultura patriarcal, classista e racista que a subjetividade da mulher negra está submetida.

Analisar a realidade das mulheres negras sob a ótica da interseccionalidade faz a diferença na mobilização para uma luta justa. Dessa forma, pensar em interseccionalidade faz necessário trazer Carla Akotirene (2023), que a descreve como uma ferramenta analítica que nos possibilita ver a colisão das estruturas e quais as dinâmicas dessas interações de opressões de forma simultânea, interações que se cruzam nos recortes de gênero, raça e classe e culminam em um sofrimento específico surgido nessa interação (Crenshaw, *apud* Akotirene, 2023).

Uma dessas colisões se dá quando as mulheres brancas defendem a pauta de sua própria inserção no mercado de trabalho com as mesmas remunerações que os homens, enquanto as mulheres negras estão em suas residências cuidando dos serviços domésticos, sendo mal remuneradas ou não remuneradas.

O pensamento difundido é de que ‘logo, se não há racismo, por que devemos

nos preocupar com essa questão?’ Por isso, deve-se construir novas rotas de fuga e de resistência compreendendo a articulação da branquitude como a classe dominante para encontrar meios de erradicar o racismo estrutural que assola nosso país e escrever as suas próprias histórias através da formação de profissionais da saúde mental.

Ademais, a pobreza potencializa as vulnerabilidades emocionais e mentais. Ainda, Davis (2016) afirma também que as mulheres negras têm as maiores taxas em admissão e serviços ambulatoriais em psiquiatria e as ativistas da saúde relatam que a maioria das mulheres negras adultas são acometidas por quadros de estresse psicológico.

Nessa perspectiva, a psicologia é uma ciência formada por pensadores(as) e filósofos(as) brancos(as) europeus, e quando pensamos na construção de saberes há uma preocupação de como essa profissão é produtora e reprodutora de uma ‘colonização mental’. Nogueira (2020) afirma que é necessário uma libertação destas correntes dominadoras da colonialidade para produzir e valorizar outras referências filosóficas pensando em um novo projeto de sociedade e ciências humanas.

Considerações finais

Diante dessas reflexões, é necessário nos atentarmos para esse campo da psicologia, sendo que, recorrentemente, há uma ausência de saberes quando se propõe o estudo da construção da subjetividade humana das mulheres negras. É importante ressaltar que há uma necessidade de adentrar nas pesquisas sobre racismo e psicologia. Enquanto profissionais, é imprescindível discutir a interseccionalidade para avançarmos em nossas reflexões básicas sobre a construção deste repertório comportamental humano. Ademais, para além da clínica, precisamos mobilizar pesquisas sobre as mulheres negras em diferentes áreas da psicologia.

Referências

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**: São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaíra, 2023.

ARRUZZA, C.; BHATTACHARYA, T.; FRASER, N. **Feminismo para os 99%: um manifesto**. São Paulo: Boitempo, 2019.

BENTO, M.A.S. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CARNEIRO, S. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

DAVIS, A. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2017.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano: Ensaio, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2022.

NOGUEIRA, S.G. **Libertação, Descolonização e Africanização da Psicologia: breve introdução à psicologia africana**. São Carlos: EdUFScar, 2020.